

Franco analisou a dolarização

SUELY CALDAS

RIO — O secretário de Política Econômica, Gustavo Franco, acha possível a alternativa de dolarização da economia. Ele tratou do assunto no ensaio intitulado *Alternativas de estabilização: gradualismo, dolarização e populismo*, publicado no número de junho da *Revista de Economia Política*. Franco identifica dificuldades para uma economia como a brasileira adotar um programa com a força e extensão do aplicado na Argentina, mas sugere fórmulas para superá-las, entre elas o recurso a um semicongelamento ou prefixação de preços, atuando em complementação e harmonia com a âncora cambial, ou a adoção de um sistema bimonetário, pelo qual conviveriam na economia duas moedas: a nova e de boa qualidade, isenta de inflação, e a velha, o "mico preto" que carregaria toda a inflação até seu desaparecimento.

"O grande problema envolvido é a possibilidade de explosão hiperinflacionária da moeda velha", adverte Gustavo Franco. Ao final de sua exposição sobre a dolarização, ele ressalva que "os riscos envolvidos são tão grandes e a comoção resultante de qualquer intervenção em mecanismos financeiros seria tão grande que a melhor alternativa parece situar na tentativa de outros caminhos".

Escrito antes de sua nomeação para a equipe do ministro Fernando Henrique Cardoso, o ensaio do economista tucano da PUC-RJ ocupa 18 páginas da revista, editada pela Editora Nobel (ex-Brasiliense) e vendida nas livrarias desde segunda-feira. Ele critica o método gradualista de estabilização aplicado pelo ex-ministro Márcio Marques Moreira, embora reconheça que ele reduziu a inflação de quase 30% para menos de 20% até abril de 1992. É mais cético em relação a alternativas de prefixação negociada em pactos sociais. E analisa a alternativa da dolarização com mais simpatia, embora advirta para os riscos e dificuldades em decorrência do "vergonhosamente baixo grau de abertura da economia brasileira" e do fato de os preços relativos da economia brasileira não estejam indexados ao dólar, como estavam na Argentina pré-Plano Cavallo.

Estas são as dificuldades e soluções descritas por Gustavo Franco para a alternativa de dolarização da economia brasi-

Filosofia tucana

No ensaio, que ocupou 18 páginas da *Revista de Economia Política* de junho, o economista Gustavo Franco analisa problemas da economia brasileira que se tornaram rotina nos últimos anos. Eis alguns

"Ajuste" — Seria extraordinariamente interessante começar a discussão do ajuste fiscal definindo um processo orçamentário transparente e eficiente, no âmbito do qual se definisse com total precisão quanto se gasta, em que se gasta, com que dinheiro e, mais importante, o verdadeiro tamanho do desequilíbrio.

Sonegação — A iniciativa de tentar cobrar mais impostos, quando o lado da despesa está profundamente corroído pelo desperdício e pela fisiologia, simplesmente não decola. Se é generalizada a percepção de que as aspirações expressas no orçamento são determinadas por uma máquina viciada e irresponsável e governada pelo fisiologismo mais torpe, certamente a má vontade para pagar impostos será grande.

Pacto social — Nossos pactos sociais não funcionam por causa do baixo nível de adesão. Como a maior parte da economia, tanto do lado empresarial quanto do lado trabalhista, não pode ser apropriadamente representada na mesa de negociação, a tendência dos interlocutores, que necessariamente representam minorias, é adotar posições irresponsáveis, cujo ônus conseguirão sempre jogar sobre os ombros dos grupos ausentes. É o pacto inflacionário.

Preços — A equipe econômica do presidente Itamar (este ensaio foi escrito antes de Cardoso ser convidado para o Ministério da Fazenda) já mencionou que a prefixação de preços poderá resultar da negociação entre governo, empresários e trabalhadores. De um modo ou de outro, as câmaras setoriais tornaram-se um instrumento por meio do qual o controle de preços, bem como outras formas supostamente moribundas de intervenção estatal na economia, foi reabilitado e certamente seriam as estrelas de um novo experimento de estabilização envolvendo prefixação e negociação.

Choques — A experiência de cinco choques e da hiperinflação mudou a dinâmica de determinação de preços na economia brasileira, talvez de forma irreversível. Com isso, a impressão que se tem é de que o Brasil tornou-se uma economia mais desorganizada e por isso mesmo imune a mecanismos de coordenação decisória e talvez mais sensível a políticas ortodoxas de estabilização.

Acordo dos carros — Reduzir a carga tributária para automóveis tem pelo menos quatro consequências desagradáveis: subsidiar (relativamente) uma mercadoria de luxo; defender os lucros de um grupo de poderosas multinacionais; elevar o déficit público num país assolado por uma crise fiscal; defender os empregos dos maiores e mais poderosos sindicatos do País às custas dos empregos que se perdem pelos cortes de gasto público, ou aumentos de impostos necessários para financiar a renúncia fiscal provocada pelo acordo.

leira:

Obstáculos — 1) É baixa a extensão de preços indexados ao dólar. Produtos importados e exportados constituem parcela muito reduzida no índice de inflação; 2) Como a influência da taxa cambial sobre os preços (o peso da âncora) é muito menor do que na Argentina, é fácil prever que a fixação do câmbio provocaria em pouco tempo um atraso cambial muito mais sério do que na Argentina; 3) Em tese seriam necessárias reservas cambiais de US\$ 84 bilhões para cobrir todo o estoque de ativos financeiros em circulação, na alternativa de haver uma corrida desenfreada ao dólar.

Como superá-los — 1) Os preços não dolarizados, inclusive tarifas públicas, seriam congelados e sujeitos a uma tablita, como fez a Argentina para aluguéis e mensalidades escolares. Outra alternativa seria a prefixação, uma espécie de semicongelamento, envolvendo mecanismos de ativos de administração de preços e um enorme esforço de marketing para convencer os agentes de que se trata de um esquema negociado; 2) Uma segunda solução seria a convivência de duas moedas: a boa com inflação nula e com meta de se tornar a moeda nacional e a outra que carregaria a desvalorização do dinheiro.